

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E  
ASSUNTOS COMUNITÁRIOS  
MUSEU DE ANTROPOLOGIA

## XOCÓ: Presença Indígena em Sergipe



Benedito Santana - MARACA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 26, 11, 97
cod. XOD00023

## APRESENTAÇÃO

As experiências museais da Universidade Federal de Sergipe, iniciadas em 1981, geraram cerca de 30 mostras variadas pautadas em problemas concretos da sociedade sergipana.

A problemática indígena vem sendo discutida através de exposições didático-pedagógicas, visando levar principalmente à comunidade estudantil, enfoques diversificados sobre variados aspectos inerentes à realidade indígena brasileira e sergipana.

Desde o ano de 1978, quando os remanescentes Xocó reassumiram sua identidade como descendentes dos primeiros habitantes do nosso território, os professores de Antropologia vêm acompanhando a trajetória deste grupo, visando sua aceitação e participação na sociedade brasileira.

Muitos foram os embates ocorridos não somente nestes últimos dezoito anos, mas também no passado, quando durante mais de cem anos foi negada a existência de índios em Sergipe.

A professora Beatriz Góis Dantas apresenta-se como um baluarte na busca de documentos e testemunhos que mostram toda a saga dos grupos indígenas sergipanos, que foram desaparecendo nos últimos 400 anos de história, sendo autora dos textos deste catálogo.

Contando com esta valiosa colaboração que foi somada àquela prestada pela comunidade Xocó, destacando-se a figura do cacique Apolônio, o MUSEU DO HOMEM SERGIPANO (MUHSE), com muito orgulho apresenta mais um trabalho voltado para o entendimento da nossa identidade.

Hélia Maria de Paula Barreto  
Diretora do Museu do Homem Sergipano

## XOCÓ, PRESENÇA INDÍGENA EM SERGIPE

O Rio São Francisco exerceu, ao longo dos tempos, uma forte atração sobre populações humanas. Via natural de deslocamento, às suas margens e dos seus muitos afluentes abrigaram-se grupos indígenas diversos que, espraindo-se pelo vale, ocuparam a região desde épocas bastante remotas.

Este é o espaço onde hoje vivem os Xocó, cujo grupo mais numeroso e representativo habita no município sergipano de Porto da Folha, mais precisamente na Caiçara e na ilha de São Pedro. Um grupo menor localiza-se do outro lado do rio, no município de Porto Real de Colégio, em Alagoas. Este grupo aí chegou há quase cem anos, procedente de Sergipe, abrigando-se na aldeia dos Kariri em cuja companhia até hoje vive formando a comunidade Kariri-Xocó.

O espaço ocupado pelos índios Xocó no passado era muito mais vasto. Há informações sobre a antiga presença de grupos indígenas registrados como chocó, chocó, ciocó, ou ceocoses, em Alagoas, Sergipe, nos sertões de Pernambuco e no sul do Ceará. Desse modo, os atuais Xocó representam os remanescentes de um povo indígena que no passado ocupava territórios mais amplos.

Hoje os Xocó somam-se a mais de duas dezenas de grupos indígenas que vivem no Nordeste brasileiro.

### **História dos Xocó - História do contato**

Os Xocó da Ilha de São Pedro são remanescentes de um povo indígena cuja história e cultura são pouco conhecidas. As informações deixadas por missionários, funcionários do governo ou viajantes não permitem saber como era o seu modo de vida ou a língua que falavam antes da chegada dos portugueses.

O que se sabe sobre eles traz a marca da presença do homem branco que conquistou suas terras, pretendeu conquistar sua alma, impôs sobre ele o seu domínio, e deixou ligeiras referências - quase sempre muito etnocêntricas - através das quais procuramos hoje reconstituir sua história.

O que se conhece é resultante do encontro entre índios e brancos. Encontro marcado por interesses diversos, por trocas e conflitos ao longo dos tempos.

À medida que os colonos adentram o vale do Rio São Francisco com seu gado e suas atividades de mineração vão desalojando os índios dos seus territórios. Depois que os holandeses são expulsos do Nordeste, (século XVII) essas atividades de pecuária e mineração se intensificam e os padres fundam muitas missões reunindo os índios, procurando impedir que eles fossem escravizados e que atacassem os colonos. Assim surge a missão de São Pedro do Porto da Folha fundada pelos capuchinhos entre os índios Aramuru (Orumarú), habitantes da região, que tinham se aliado aos portugueses na luta contra os holandeses. Mais tarde, os Xocó são levados também para esta missão, sendo sua presença aí registrada no século XIX junto com os Romari.

Na missão, onde se reúnem índios de procedências diversas, se modifica profundamente a vida deles e sua cultura. A religião indígena é proibida, a língua e os costu-

mes não sendo esquecidos. Os índios são requisitados para trabalhar para os colonos e combater os que se rebelavam contra a nova ordem social. Noutras vezes eram eles que se revoltavam e abandonavam a missão.

Havia constantes disputas por causa da posse das terras da aldeia que os fazendeiros invadiam para criar gado. Em todos esses momentos, a presença do missionário, preocupado em cristianizar os índios, foi marcante. Até hoje os Xocó reverenciam a memória de Frei Doroteu de Loreto, um capuchinho italiano que viveu na aldeia por algumas décadas.

Na segunda metade do século XIX o governo decreta a extinção das aldeias de Sergipe alegando que não havia mais índios. Negam a existência de índios e retiram-lhes as terras cuja posse era garantida por leis. Foi assim que, apelando-se para a mestiçagem e negando-se a identidade indígena, em muitos lugares do Brasil os índios perderam as terras tradicionalmente ocupadas por seus ancestrais.

As terras da aldeia de São Pedro foram doadas à Prefeitura e depois vendidas a particulares, enquanto os índios eram obrigados a dispersar-se. Após várias tentativas de retornar à sua aldeia, em 1979 os Xocó voltam a ocupar definitivamente a ilha de São Pedro. Depois de muita luta conseguem que o governo, através da FUNAI, os reconheça como índios com direitos sobre a ilha e, mais recentemente, sobre a Caiçara.

Os Xocó é o que restou dos muitos grupos indígenas que habitam em Sergipe no passado. Desapareceram os Tupinambá, os Boimé, os Natu e muitos outros. Os Xocó, porém, chegaram aos nossos dias. Vemos assim que os índios não são seres apenas do nosso passado. Os Xocó fazem parte do presente e vivem do modo que é possível viver hoje, após quatro séculos de presença missionária e intenso contato com os regionais.

## **A Comunidade Xocó Hoje**

Cerca de 250 índios vivem hoje na Ilha de São Pedro. Seu modo de vida aparentemente pouco difere das populações rurais da região, com que partilham também características do tipo físico, inclusive fortes traços negróides. Convém lembrar que além da convivência com os brancos, grupos indígenas também tiveram momentos de encontro, conflitos e trocas com negros, resultando em mudanças no tipo físico e no entrelaçamento de elementos culturais.

A aldeia dos Xocó foi reconstruída a partir de 1979, época em que os índios retomaram a ilha de São Pedro. Da ocupação do tempo da missão restavam apenas a igreja, o cemitério e as ruínas do antigo convento dos capuchinhos. As casas construídas no primeiro momento de troncos e palhas foram substituídas por construções mais sólidas de alvenaria e cobertura de telhas. De modo geral, reproduzem o modelo regional de habitação vigente entre populações rurais. O mobiliário e utensílios que abrigam variam, a depender das posses dos seus ocupantes. Os Xocó vivem da agricultura, da pesca e da cerâmica. Recentemente incorporaram a pecuária às suas atividades. Plantam algodão, milho, feijão e mandioca e têm no peixe uma importante fonte de alimentação.

A fabricação de objetos a partir do “barro” é atividade importante e muito antiga entre os Xocó. Os homens transportam a argila para aldeia e trituram-na, cabendo às mulheres modelar as peças com as mãos e dar-lhes acabamento com pedaços de madeira (“o alisador”), de metal (“o raspador”) e de frutos (“a coité” e o “capuco”). Os Xocó não utilizam o torno nem o forno na fabricação da cerâmica. As peças depois de modeladas são postas a secar à sombra e mais tarde são queimadas em grandes fogueiras.

Eles fabricam sobretudo objetos destinados ao uso doméstico como potes, panelas, cuscuzeiros, fogareiros, pratos etc. Estes são vendidos nas feiras das cidades próximas, sobretudo em Pão de Açúcar, localidade que os índios frequentam semanalmente.

Nos momentos de queda da produção agrícola a cerâmica assume maior importância na sobrevivência do grupo. Outras atividades artesanais estão sendo retomadas pelos Xocó, como a confecção de colares, arcos, flechas e bordunas.

As crianças frequentam escola na própria aldeia, sendo os ensinamentos transmitidos em português, única língua hoje falada pelo grupo.

No campo da saúde recorrem à medicina, sem contudo abrir mão dos conhecimentos tradicionais das “rezadeiras” e das plantas curativas, cujo uso é associado muitas vezes a rituais mágico-religiosos. A presença do catolicismo é muito forte entre os Xocó que mesclam sua religiosidade com elementos diversos. Cultuam São Pedro, padroeiro da ilha, tendo particular devoção por uma imagem carinhosamente chamada de “São Pedrinho” que, segundo dizem, foi encontrada por seus ancestrais ao “pé de uma baraúna” no tempo em que se derrubava a “mata virgem” para construir a igreja.

Dançam o “toré” onde exibem saiotos de fibras vegetais, enfeites de penas e pinturas corporais elementos com que procuram marcar suas diferenças em relação às populações não índias.

Como a cultura dos grupos humanos é dinâmica e tem relação com a história e a sociedade na qual vivem, os Xocó foram ao longo dos tempos recriando novas formas de viver, de explicar o mundo e a si mesmo num processo em que se somam persistências, mudanças, perdas, resgates e criação de novos elementos culturais.

## Novos Tempos

Durante os últimos quinze anos os Xocó empenharam-se na reconquista de parte dos territórios dos seus ancestrais. Organizando-se internamente e articulando alianças com diversos segmentos da sociedade, como estudantes, igreja, sindicatos e entidades civis de apoio à causa indígena, os Xocó conseguiram a posse legalizada da Ilha e da Caiçara. Estreitaram os contatos com outros grupos indígenas participando de muitos encontros, alguns dos quais realizados na Ilha de São Pedro. Novos líderes surgiram. Conquistaram espaço na mídia e tornaram-se interlocutores nos debates e encaminhamento das suas reivindicações junto ao governo e aos movimentos sociais.

Hoje buscam recursos para implementar novas atividades econômicas, eletrifi-

cação, irrigação, melhorias no campo da educação e da saúde, ao mesmo tempo em que procuram retomar práticas do passado indígena agora revestidas de novos significados. Aprendem com os velhos ou com outros grupos indígenas a confecção de bordunas, colares, arcos, flechas, trajes cerimoniais e ritos através dos quais proclamam sua indianidade e recriam sua cultura, somando velhas experiências e novos saberes, lançando pontes entre o passado e o futuro.

### Ser índio em Sergipe hoje

Talvez você esteja desapontado por não ter encontrado nos atuais Xocó a “pele acobreada, os cabelos lisos e escuros e os olhos oblíquos” traços que, segundo nos ensinaram, caracterizam a “raça indígena”.

Seu desapontamento decorre de um equívoco: achar que desaparecendo os caracteres da “raça indígena” através da miscigenação, desaparecerá o índio. Ser índio é um modo de identificação social e O SOCIAL NÃO SE DEFINE PELO BIOLÓGICO. Os Xocó constituem um grupo étnico e os grupos étnicos só podem ser caracterizados pela distinção que percebem entre eles próprios e os demais grupos com os quais interagem. Comunidades indígenas se consideram distintas e historicamente vinculadas a sociedades pré-colombianas. Ser índio é pertencer a uma dessas comunidades e ser por elas reconhecido.

Desse modo, os Xocó, como muitos outros grupos indígenas do Brasil, particularmente do Nordeste, apesar das mudanças no tipo físico e na cultura identificam-se como índios e têm o sentimento de pertencerem a um grupo de referência muito definido: a comunidade indígena.

## BIBLIOGRAFIA

### Sobre índios em Sergipe

- BEZERRA, Felte. **Etnias Sergipanas**. Aracaju, J. Andrade, 1984 . (1ª ed. 1949). Capítulo sobre o Elemento Indígena em Sergipe.
- DANTAS, Beatriz Góis . “Os Índios em Sergipe” In DINIZ, Diana Maria de Faro (coord). **Textos para a História de Sergipe**, Aracaju, UFS/Banese, 1991. Visão geral sobre a presença indígena em Sergipe da conquista aos dias atuais.
- DANTAS, Beatriz G. e DALLARI, Dalmo de A. **Terra dos Índios Xocó**. São Paulo, Comissão Pró-Índio, 1980. Estudos e documentos sobre a presença Xocó em Sergipe.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **Os Enforcados - O índio em Sergipe**. Rio de Janeiro , Paz e Terra, 1981. Estudos sobre o índio em Sergipe.
- FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**. Petrópolis, Vozes, Governo do Estado de Sergipe, 2ª ed. 1987. Além do capítulo sobre a conquista o autor faz referências às aldeias ao longo da obra.
- MOTT, Luiz. **Sergipe d’ El Rey- População, Economia e Sociedade**. Aracaju, FUNDESC, 1986. Alguns capítulos sobre aldeias e população.
- NUNES, Maria Thétis. **Sergipe Colonial I**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989. Capítulos I e VII.

### Sobre índios no Brasil

- GOMES, Mércio Pereira. **Os Índios e o Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1988.
- MELATTI, Júlio César. **Índios no Brasil**. Brasília, Coordenada Ed. 1970. (Com várias reedições).
- RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades Indígenas**. São Paulo, Ática, 1986
- RIBEIRO, Berta. **O Índio na História do Brasil**. São Paulo, Global, 1983.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. **O Encontro entre Culturas**. São Paulo, Atual, 1994.
- SILVA, Aracy Lopes da. **A Questão Indígena na Sala de Aula - subsídios para Professores do 1º e 2º graus**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Índios**. São Paulo. Ática. (Coleção Ponto por Ponto). 1988.
- SILVA, Aracy Lopes da. GRUPIONE, Luis Doniseti Benzi. **A Temática Indígena na Escola** Novos Subsídios para Professores do 1º e 2º Graus. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

DANTAS, Beatriz Góis. (org) **Repertório de Documentos para a História Indígena em Sergipe**. São Paulo, NHH/USP/FAPESP, 1993. (Resume documentos do Arquivo Público ).

PORTO ALEGRE, Sílvia, MARIZ, Marlene, DANTAS, Beatriz. (org) *Documentos para a História Indígena no Nordeste*. São Paulo, NHH/USP/FAPESP, 1994. (Resume documentos do Ceará, Rio Grande do Norte e do Arquivo Público de Sergipe).

### VÍDEOS

*Xocó: um povo em busca de sua identidade*. Rio de Janeiro, Museu do Índio, Consultar Museu do Homem Sergipano da UFS.

*Projeto Vídeo Escola*. Há vários filmes curtos sobre índios. Consultar DED/SEED.

### EXPOSIÇÕES

No Museu do Homem Sergipano há duas exposições fotográficas sobre temática indígena que podem ser emprestadas às escolas: “Os Índios em Sergipe” e “O Nu e O Vestido”.

Beatriz Góis Dantas  
Profa. Visitante dos  
NPPCS e NPGED da UFS.  
Abril de 1996.





## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

### **REITOR**

Prof. Luiz Hermínio de Aguiar Oliveira

### **PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS**

Prof<sup>a</sup> Maria Eucaristia Teixeira Leite

### **DIRETORA DO MUSEU DO HOMEM SERGIPANO**

Prof<sup>a</sup> Hélia Maria de Paula Barreto

### **EQUIPE DO MUSEU**

#### **COORDENAÇÃO TÉCNICA**

Verônica Maria Meneses Nunes

#### **SECRETÁRIA**

Tatiana Melins Costa Araújo Luz

#### **SETOR EDUCATIVO**

Maria do Socorro A. S. Góis

#### **PROGRAMAÇÃO VISUAL**

Roberto Araujo Menezes

#### **AUXILIARES DE PESQUISA E MONTAGEM**

Ana Maria Santos

Fabiana Dias Siqueira

Rogério Freire Graça

Fabírcia de Oliveira Santos

**TEXTOS:** Beatriz Góis Dantas